

As categorias TEMPO, MODO e ASPECTO em kristang*

1. O kristang, crioulo de base portuguesa falado por cerca de 1000 habitantes de Malaca e pelos membros mais idosos de algumas famílias de emigrantes em Singapura e em Kuala Lumpur, apresenta 4 marcadores pré-verbais para as categorias modo-aspectuais. Baxter, em anos subsequentes (1983 e 1984), apresentou duas análises ligeiramente diversas para essas categorias, com base em dados por ele colhidos em Malaca. Neste trabalho revemos as propostas de classificação de Baxter e implicações para o estudo das relações inerentes entre Tempo, Modo e Aspecto. Os dados com que trabalhamos foram colhidos na tese de Baxter Kristang (Malacca Creole Portuguese). Por este motivo estamos restritos, como ele, ao âmbito da frase.¹

* * *

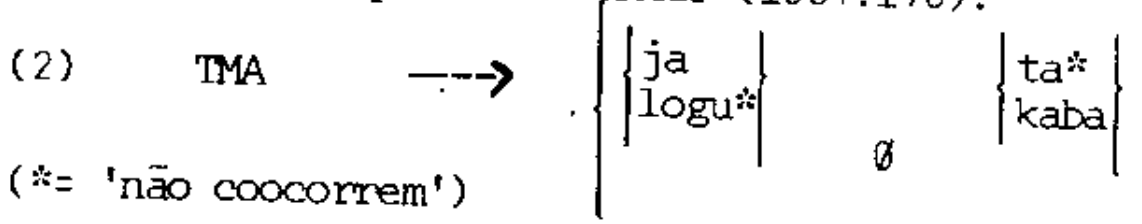
2. Baxter 1984 descreve as categorias modo-aspectuais (em sua nomenclatura, TMA, i.e., tense, mood e aspect) como partículas de AUXILIAR, do mesmo modo que NEGAÇÃO e MODAL (Baxter 1984:175):

(1) AUX ---> (NEG) (TMA) (MODAL)

TMA englobam 4 partículas;

- a) ja indicador de aspecto perfectivo (PF)
- b) logu - lo indicador de modo futuro irreal (FI)
- c) ta indicador de aspecto não-pontual (-P)
- d) kaba indicador de aspecto completivo (COMP)

combináveis como descrito a seguir: ja pode ocorrer com ta ou kaba. Os marcadores ta e kaba não coocorrem. Logu - lo ocorre sozinho. Reproduzimos em (2) abaixo o esquema de Baxter (1984:176):



Passamos, em seguida, à caracterização de cada partícula na proposta de Baxter 1984 e, sem dela discordarmos, a uma classificação alternativa, possível também quando nos atemos aos dados que Baxter fornece.

2.1. JA

2.1.1. Considerar ja marca de perfectivo significa atribuir-lhe a indicação de que uma situação específica é compreendida como um todo, "sem distinção das diversas fases que a compõem" (Comrie 1976:16).

Segundo Baxter, ja pode ser caracterizado:

1. por anteceder verbos ativos, atribuindo-lhes aspecto perfectivo;
2. por poder ocorrer com kaba-COMP, quando, então, é opcional;
3. por ocorrer com ta;
4. por não coocorrer com o marcador de futuro irreal logu - lo;
5. por não coocorrer com NEG.

Apresentamos exemplificação no Quadro 1.

QUADRO 1

- a. kora yo ja chegã eli ja bai
 quando ls PF chegar 3s PF ir
 'Quando cheguei, ele tinha partido'
- b. eli ja bai mar (onti anoti)
 3s PF ir mar (ontem à noite)
 'Ele foi para o mar (ontem à noite)'
- c. kora yo chegã nali eli ja bai
 quando ls chegar (em)ali 3s PF ir
 'Quando eu chego lá, ele tem partido' (HABITUAL)
 'Quando eu chegar, ele terá partido'
- d. kora yo chegã nali eli ja sabẽ
 quando ls chegar (em)ali 3s PF saber
 'Quando eu chego lá, ele já sabe' (HABITUAL)
 'Quando eu chegar, ele já saberá'
- e. kora yo ja chegã eli ja sabẽ
 quando ls PF chegar 3s PF saber
 'Quando cheguei, ele já sabia'
- f. kora yo chegã nali eli (ja) kabã bai
 quando ls chegar (em)ali 3s (PF) COMP ir
 'Quando cheguei lá, ele tinha ido'
- g. kora yo ja nali eli (ja) kabã sai
 quando ls PF (em)ali 3s (PF) COMP sair
 'Quando cheguei lá, ele tinha saído'
-

Em vista de exemplos como (c, d), ambíguos quanto a se saber se a situação em foco já ocorreu, ou, ao contrário, ainda não se concretizou, a proposta de identificação de ja com um marcador de tempo pretérito deixa de ser interessante. É esta, com efeito, a classificação que se encontra em Baxter 1983, que confere a ja o papel de indicar tempo passado para verbos de ação e anterior para estativos. Aliás, também Hancock (1973:26) classificara ja como marcador de ação passada.

Segundo Baxter (comunicação pessoal), porém, se a identificação como tempo é incorreta para a maioria dos falantes de kristang, ela mostra-se adequada a um pequeno grupo que exhibe forte influência do inglês.

Ao analisar ja como marcador perfectivo, Baxter mantém o diferente comportamento da partícula em relação a verbos estativos e a verbos de ação. Quando ja ocorre com estativos (Quadro 2), assume valor de incoativo anterior (Baxter 1984:97).

QUADRO 2

h. eli ja sabẽ olotu teng aki
 3s PF saber 3p estar aqui
 (já começou)

'Ela começou já a saber que eles estão aqui'

i. eli ja sinti bos ta ngganã ku eli
 3s PF ser de 2s -P enganar Ac 3s
 opinião

'Ele já começou a ser de opinião de que você está enganando ele'

Esta diferença de comportamento da partícula com relação a verbos estativos está em acordo com afirmações de Comrie (1976:50) de que, em muitas línguas, "a combinação de perfectividade e estatividade pode apenas ter um domínio semântico um tanto restrito - referência a um estado com seu início e término - e algumas línguas nem mesmo permitem esta interpretação".

2.1.2. Embora a proposta de análise de ja feita por Baxter 1984 nos pareça perfeitamente adequada aos dados, a impossibilidade de ocorrência conjunta de ja e logu ~ lo levou-nos a pensar numa outra classificação, que passamos a discutir.

Afirmamos que ja pode ser enfocado como uma partícula indicadora de modo real (MR), o que significa dizer que faz referência "a situações que efetivamente ocorreram ou estão ocorrendo" (Comrie 1985:45). Desta

forma, a não ocorrência conjunta de ja e logu ~ lo teria motivação semântica.

Qualquer situação classificável como HABITUAL estaria no âmbito do MR em kristang. HABITUAL pode ser encarado como característico de uma situação que se vem realizando, que se realizou, ou cuja realização é prevista, por ser ela própria de um determinado período, o que o diferencia de situações em que a repetição de um ato é vista como acidental ou não costumeira. Como ja não atribui tempo, os exemplos (c, d) dizem respeito à habitualidade de uma situação real - aí a motivação para a dupla leitura em português.

A dupla possibilidade de análise para ja é patente com o elemento MODAL (misti, indicador de obrigação, e podu, de possibilidade). Ao ocorrer com MODAL, ja sinaliza que uma situação é vista como verdadeira (Baxter 1984:216), embora para algum ponto anterior ao ponto de referência e vista como um todo - ou, nos termos de Baxter, uma situação caracterizável como PF (cf. Quadro 3).

QUADRO 3

| | | | | |
|----|---------------------|-------------|-------|-----|
| j. | eli | ja | misti | bai |
| | 3s | PF | MODAL | ir |
| | | (obrigação) | | |
| | 'Ele já teve de ir' | | | |
| | 'Ele já tem de ir' | | | |
| | 'Ele já terá de ir' | | | |

Em resumo, parece-nos estar frente a dados analisáveis de maneiras diversas: como aspecto perfectivo ou como modo real. A terceira possibilidade, i.e., como marcador de tempo pretérito (passado ou anterior), embora possa ser satisfatória para um pequeno grupo de falantes, não se ajusta aos dados de que dispomos. Segundo estes dados, o kristang é uma língua em que o tempo não é gramaticalizado, mas, sim, expresso por itens lexicais, ou inferido a partir do próprio sistema modo-aspectual.

2.2. LOGU ~ LO

2.2.1. Logu ~ lo constitui-se num atribuidor de modo futuro irreal. Sua presença indica "situações mais hipotéticas, incluindo situações que representam generalizações indutivas e também previsões, incluídas as previsões acerca do futuro" (Comrie 1985:45).

Para logu, Baxter atribui as seguintes propriedades:

1. ocorre com verbos ativos e, em menor extensão, com estativos e com verbos de mudança de estado; é pouco frequente com adjetivos;
2. reduzível a lo;
3. todos os modais podem ocorrer com logu (neste caso, não reduzível a lo), impedindo que, na mesma oração haja um advérbio com referência a tempo futuro;
4. marca um predicado verbal ou adjectival como futuro, hipotético, ou possível. Os eventos, estados, ações são assinalados como não tendo valor de verdade.

Apresentamos exemplificação no Quadro 4.

2.2.2. Embora a interpretação como futuro seja muito frequente para as frases em que logu ~ lo aparece - e seja essa a função que lhe atribui Hancock (1973:26) - não é essa a função principal da partícula. As situações caracterizadas com logu ~ lo não se apresentam, necessariamente, num futuro, quer tomemos como referência o momento da fala (futuro absoluto), quer tomemos como referência outro ponto qualquer (futuro relativo).

Em sentenças em que esta presente o elemento COND, a presença de logu ~ lo no termo conseqüente (ou apódose) não garante a interpretação como futuro (Quadro 5). É interessante, quanto a este ponto, comparar os exemplos do Quadro 5 com aqueles do Quadro 6. Em todos há a presença do elemento COND; o Quadro 5 apresenta logu o Quadro 6, ja. Há, porém, uma distinção entre eles. No Quadro 5, a referência faz-se a um mundo possível, realizável. O exemplo do Quadro 6 é diferente: trata-se de uma condição não mais potencial, mas marcada como +certa, poderíamos dizer, uma vez que, efetivamente, alguém foi a algum lugar sem a companhia de outrem.

QUADRO 4

- a. nang kumi tantu! bo lo fikā godru. eli ja godru
 NEG-IMP comer tanto 2s FI ficar gordo 3s MR gordo
 'Não coma tanto! Você vai ficar gordo. Ele já está gordo!'
- b. amiāng otu dia, eli logu bai mar
 amanhã outro dia 3s FI ir mar
 'Depois de amanhã ele irá pescar'
- c. yo midu eli logu beng
 ls ter medo 3s FI vir
 'Temo que ele virá'
- d. mazanti eli lo bai misa
 primeiramente 3s FI ir missa
 'Primeiramente ele irá à missa'
- e. bos kōra lo bai Jasin?
 2s quando FI ir Jasin
 'Quando irá a Jasin?'
- f. eli logu beng Melaka rentu di ngua mis
 3s FI vir Malaca dentro P um mês
 'Ele virá a Malaca dentro de um mês'
- g. amiāng eli lo sabē
 amanhã 3s FI saber
 'Ele saberá amanhã'
- h. yo ngka bai kaza sedu yo lo achā pankada
 ls NEG ir casa cedo ls FI receber pancada
 'Se eu não for para casa cedo, eu apanho'
- i. eli logu podi / misti bai Singapura
 3s FI poder/ter de ir Singapura
 'Ele poderá / terá de ir a Singapura'
- j. yo lembrā logu kai chua
 ls pensar FI cair chuva
 'Penso que choverá'

QUADRO 5

- l. kantu yo teng doi yo lo komprã kareta
COND 1s ter dinheiro 1s FI comprar carro
'Se eu tivesse dinheiro, compraria um carro'
'Se eu tiver dinheiro, comprarei um carro'
- m. kantu yo bai Singapura yo lo komprã radio
COND 1s ir Singapura 1s FI comprar rádio
'Se for a Singapura, comprarei um rádio'
-

QUADRO 6

- n. kantu bos ja gitã ku yo, yo ja bai
COND 2s MR gritar P 1s 1s MR ir
'Se você me tivesse chamado, eu teria ido'
-

Condição e conseqüente em (n) acima são imutáveis -reais, portanto.

Voltamos, por esse motivo, a insistir na afirmação que fizemos anteriormente (cf. 2.1.) de que, em kristang, o tempo não se realiza gramaticalmente. As situações potenciais, ou -certas, são vistas como irrealis em kristang. A relação entre futuro e modo irreal existe, uma vez que "situações futuras são inerentemente incertas quanto à realidade" (Chung & Timberlake 1985:243). No entanto, a interpretação como futuro é uma das interpretações possíveis para o modo irreal, mas não a única.

2.3. TA

2.3.1. Ta empresta ao verbo aspecto não pontual. Caracteriza-se por:

1. anteceder verbos ativos e de mudança de estado, além de adjetivos de mudança de estado;
2. com verbos de ação, indicar ações progressivas ou iterativas;
3. com verbos de mudança de estado, indicar estados em processo;

4. nada poder ser interposto entre ta e o verbo;
5. não ocorrer com kabã-COMP;
6. poder ocorrer com ja;
7. não coocorrer com MODAL.

Os exemplos são apresentados no Quadro 7.

Como indicador de aspecto progressivo, ta não coocorre com verbos estativos, como, e.g. gostã, sabẽ. Isto porque progressividade é definida como a "combinação de significados progressivo e não estativo. Naturalmente, então, verbos estativos não têm formas progressivas, uma vez que isto envolveria uma contradição interna entre a estatividade do verbo e a não estatividade essencial ao progressivo" (Comrie 1976:35).

2.3.2. Novamente, embora não discordando da análise de Baxter, a não ocorrência conjunta de ta e kaba levou-nos a pensar numa hipótese alternativa.

A partícula ta indica progressividade ou iteratividade, o que implica situações vistas em seu desenrolar. Propomos, por isso, tratá-la como marcador de aspecto incompletivo (-COMP). Esta classificação transfere ta de uma perspectiva de 'duração por um certo período de tempo' para outra, onde ta é indicador de que determinada situação não foi completada. Em outras palavras, saímos do eixo DURATIVO / PONTUAL para o eixo INCOMPLETIVO / COMPLETIVO.

QUADRO 7

- a. eli ta bai pegã kambrãng ozi atadi
 3s -P ir pegar camarão hoje à tarde
 'Ele está indo pegar camarões hoje à tarde'
 'Ele estava indo pegar camarões hoje à tarde'
 'Ele estará indo pegar camarões hoje à tarde'
- b. eli ta sinti bos kere ngganã ku eli
 3s -P achar 2s querer enganar Ac 3s
 'Ele está achando que você quer enganá-lo'
 'Ele estava achando que você queria enganá-lo'

QUADRO 7 (cont.)

c. eli ta les buku
 3s -P ies livro
 'Ele está lendo um livro'

P = Preposição

d. eli ta sinti bos eradu
 3s -P pensar 2s errado
 'Ele é de opinião de que você está errado'

e. yo ta kumi
 ls -P comer
 'Eu estou comendo'

f. bos sa abõ ta papiã ku padri Pintado
 2s G avõ -P falar P padre Pintado
 'Seu avô está falando com Pe. Pintado'

g. olotu ta drumi na chang
 3p -P dormir L chão
 'Eles estão dormindo no chão'

h. Albert ta balã ku Lucy
 Albert -P dançar P Lucy
 'Albert está dançando com Lucy'

i. kora yo chegã eli ja ta kumi
 quando ls chegar 3s MR -P comer
 'Quando chego, ele está comendo' (HABITUAL)
 'Quando chegar, ele estará comendo'

j. kora yo chegã eli ja ta kumi
 quando ls chegar 3s MR -P comer
 'Quando cheguei, ele já estava comendo'

2.4. KABA

2.4.1. Segundo Baxter 1984, kaba marca aspecto com-
pletivo.

Kaba caracteriza-se por:

1. não ocorrer com MODAL;
2. ocorrer com verbos ativos;

3. poder combinar-se com ja, indicando 'conclusão no passado';
4. não ocorrer com ta.

Kaba-COMP não se confunde com o verbo kaba:

kaba não pode identificar-se com o verbo lexical 'acabar' porque seria anômalo com verbos ativos marcados como '-durativos' O verbo lexical 'acabar' é gramatical apenas com verbos ativos com o traço '+durativo'.

| | | | |
|-----------|--------------------------------------|------------------|--|
| eli 3s | { ta -P logu FI } | kaba 'acabar' | { *sai di kaza 'sair de casa' kumi 'comer' |
|-----------|--------------------------------------|------------------|--|

(Baxter 1984:196)

Poucos são os exemplos em Baxter 1984 para kaba. Vão apresentados nos Quadros 8 e 9.

QUADRO 8 KABA-COMP

- a. kora yo ja chega nali, eli (ja) kaba bai
 quando ls MR chegar (em) 3s (MR) COMP ir
 ali
'Quando cheguei, ele tinha ido'
- b. kora yo ja chegã nali eli (ja) kaba sai
 quando ls MR chegar (em) ali 3s (MR) COMP sair
'Quando cheguei, ele tinha saído'
- c. kora yo ja chegã eli ja bai
 quando ls MR chegar 3s MR ir
'Quando cheguei, ele saiu'
'Quando cheguei, ele tinha saído'
-

- d. eli logu kaba kumi
 3s FI acabar comer
 'Ele acabará de comer'
- e. ja kaba gera, el bai tona kontinã ku
 MR acabar guerra 3s ir de novo continuar P
 akẽ sibrisu la
 aquele serviço Ênfase
 'Depois da guerra ele voltou, continuou com aquele emprego'

2.4.2. Dissemos em 2.3 que, na medida em que ka-
ba e ta não coocorriam, propunhamos uma mudança na
 classificação de Baxter 1984. Mantivemos kaba como
 completivo, uma vez que indica uma ação completada,
 como mostram os exemplos.

2.4.3. Kaba, como ta, não ocorre com MODAL.
 Os modais em kristang caracterizam um e-
 vento: a) em termos de mundos alternativos possíveis; b)
 em termos de imposição numa situação determinada. No
 primeiro caso, temos a indicação de possibilidade (po-
di): "o evento pertence a pelo menos um mundo alter-
 nativo" (Chung & Timberlake 1985:242); no segundo, de
 obrigação (misti): "o evento deverá ter lugar em todos
 os mundos alternativos" (Chung & Timberlake 1985:246).
 Possibilidade e obrigação são, ambas, situações de
 irrealidade, contrariamente a situações consideradas
 como finalizadas ou não, i.e., marcadas como + COMP.⁵

* * *

3. A breve exposição apresentada na seção an-
 terior põe-nos frente a uma situação interessante de
 análise, causada pelo papel variável atribuído a ja e
 a ta. Vimos que ja e ta podem ser compreendidos em
 correlações diferentes no sistema modo-aspectual do
 kristang. Diferentes trabalhos atribuíram a ja dife-

rentes papéis: marca de pretérito em oposição a \emptyset (Baxter 1983) ou a logu - lo, considerado como marcador de ação futura (Hancock 1973); aspecto perfectivo, com uma casa vazia para o outro membro da oposição (Baxter 1984); marcador de modo real, oposto a logu - lo, FI. Esquematizamos em (3) as diferentes relações:

| | | | |
|--------------------|--------------------|--------------|--------------|
| (3) Hancock '73 | Baxter '83 | Baxter '84 | Rosa '89 |
| <u>pret.ja</u> | <u>pret.ja</u> | <u>PF-ja</u> | <u>MR-ja</u> |
| x | x | x | x |
| -pret. \emptyset | -pret. \emptyset | ----- | MI-logu |
| x | | | |
| fut. lo | | | |

Ta, por sua vez foi considerado como DURATIVO (ou NÃO PONTUAL), sem se opor a um membro marcado para a oposição, e como -COMP, em oposição a kaba-COMP:

| | |
|-----------|-----------|
| (4) ta -P | ta COMP |
| x | x |
| ----- | kaba COMP |

Na dependência desses quadros, teríamos sistemas diversos, como apresentado em (5):⁶

| | | | |
|------------------|-----------|-----------|-----------|
| (5) Baxter '83 | Modo: | Aspecto: | |
| <u>Tempo:</u> | logu x -- | ta x -- | kaba x -- |
| ja x \emptyset | | | |
| Baxter '84 | Modo: | Aspecto: | |
| <u>Tempo:</u> | logu x -- | ja x -- | ta x -- |
| ----- | | kaba x -- | |
| Rosa '89: | Modo: | Aspecto: | |
| <u>Tempo:</u> | ja x logu | ta x kaba | |
| ----- | | | |

3.1. Esta variedade de abordagens traz consigo um ponto intrigante: como é possível obter análises tão diferentes e, ainda assim, adequadas aos dados? Parece-nos que a chave para a compreensão do problema está na visão das três categorias através de uma teoria unificadora. Temos em mente uma proposta como a de Chung e Timberlake 1985. Segundo estes autores TMA seriam formas diversas de focalizar um dado ponto da dimensão temporal, seja em termos de sua localização no eixo temporal, seja por sua dinamicidade em relação a um intervalo de tempo ou a um dado momento, seja pela possibilidade ou obrigatoriedade de existência, num determinado momento, de mundos alternativos (Chung & Timberlake 1985:256).

As diversas localizações temporais de um evento – passado, presente e futuro – estão inerentemente correlacionadas a diferenças de modo e de aspecto. Um evento que virá a ocorrer depois do momento de fala é não real e potencial. Daí haver uma correlação entre tempo futuro e modo potencial não real. Um evento que se está desenrolando no momento da fala ainda não se completou. Daí haver correlação entre o tempo presente e o aspecto incompletivo (imperfectivo ou progressivo) e, por implicação, entre tempo passado e aspecto completivo (perfectivo ou não progressivo).

Vejam as classificações para ja, por exemplo. Uma ação, um estado ou um evento, uma vez que já ocorreu (visão no eixo temporal), é real (visão no eixo modal) e tem probabilidade de ser concebido como completo (visão no eixo aspectual). Vistas deste modo, as análises já não nos impressionam como propostas absolutamente discrepantes.

4. Dissemos anteriormente que estávamos diante de uma situação intrigante, em virtude de termos análises diferentes com nível semelhante de adequação aos dados. Mas temos mais motivos para dizê-lo.

Dentre as propostas de estudo de línguas crioulas, a hipótese da "maximally unmarked core grammar", de Bickerton, propõe-se a explicar a "simplicidade" dos crioulos em relação às outras línguas. Haveria uma escala marcado-não marcado para os itens gramaticais e, assim, em

línguas mais antigas, o conjunto de princípios sintáticos universalmente partilhados é acrescido de - e complicado por - um amplo leque de propriedades adquiridas do inventário universal de propriedades possíveis como resultado de milênios de mudança diacrônica.
(In:Newmeyer,ed. 1988:II,274)

No tocante especificamente às categorias de tempo, modo e aspecto, Bickerton propõe que "as categorias anterior, irreal, não pontual devem ser, em algum sentido, mais naturais que suas alternativas" (In:Newmeyer, ed. 1988:II,279).

Se a hipótese de Bickerton acerca da maior naturalidade de ANT, IRREAL, DUR para as categorias TMA é correta, podemos estar diante de um processo de aquisição de traços marcados. Lembremo-nos de que este crioulo de Malaca tem cerca de 400 anos (Baxter,c. p.), o que o caracteriza como bastante antigo. Deste modo, a existência de COMP, ou de dois grupos fechados de oposições não estaria desautorizando Bickerton, uma vez que sua proposta é voltada para línguas bastante recentes.

Por outro lado, se TEMPO pode passar a não ser expresso gramaticalmente, poder-se-ia pensar que a "escala de naturalidade" abrangeria ANT, IRREAL, DUR não apenas em relação aos outros tempos, modos e aspectos possíveis, mas também entre si e que, portanto, expressar a ordem em que eventos ocorrem no passado seria mais marcado que distinguir real de ir-

real, ou conhecer a duração de um evento.

Uma proposta teórica unificada para TMA, aliada à hipótese de uma gramática nuclear maximamente não marcada pode abrir perspectivas interessantes para o estudo da evolução diacrônica desses sistemas, como ainda da ordenação dessas categorias em relação à base verbal.

NOTAS

* Este artigo tem origem em trabalho final apresentado ao Prof. Doutor Pieter Muysken, da Universidade de Amsterdam, no curso Línguas Crioulas, ministrado no Rio de Janeiro, em janeiro de 1989, no Instituto de Verão da ABRALIN, como parte dos créditos necessários ao Curso de Doutorado em Linguística da UFRJ. Agradeço aos Profs. Muysken, A. Baxter e S. Votre os comentários. Isento a todos eles de qualquer responsabilidade pelo resultado final. Uma versão um pouco diferente desta foi apresentada no IV Encontro Nacional da ANPOLL (PUC-SP, julho/1989).

1. Ficamos, assim, impossibilitados de observar a sugestão de Votre de análise em contextos mais amplos. Esta proposta, aliás, vai ao encontro do desejo expresso por Baxter após a leitura da discussão aqui apresentada.

2. Baxter (1983:146) cita Bickerton para a definição atribuída a anterior: "An anterior marker is like the pluperfect but not quite ..(...)... It's a kind of discourse marker which is used to signal states or events which are anterior to things which have been under discussion in the source of the same discourse".

3. O futuro do pretérito da tradução portuguesa (compraria) tem valor modal (i.e., expressa impossibilidade), sem estabelecer, aqui, qualquer expressão de tempo.

4. O próprio Comrie (1976:35) reconhece a circularidade nas definições de progressividade e estatividade: "The explanation may seem completely circular:

progressiveness is defined in terms of stativity, but is then taken as sufficient evidence for classifying a given verb as stative or nonstative, i.e. Portuguese ver'see' can occur in the Progressive because it is non-stative, and it is nonstative because it can occur in the Progressive."

5. Ja, a que atribuímos a indicação de MR, ocorre com modais, mas modifica-lhes o significado (cf. 2.1.2.). Por sua vez, logu não sofre qualquer restrição e tampouco altera o significado dos verbos modais ao ocorrerem.

6. Se acrescentarmos Hancock, teremos ainda:

| | | |
|-------------|-------|--------------------|
| Tempo: | Modo: | Aspecto: |
| ja x Ø x lo | ----- | ta x -- kaba x --- |

BIBLIOGRAFIA

1. BAXTER, Alan 1983. Creole Universals and Kristang (Malacca Creole Portuguese). Papers in Pidgin and Creole Linguistics nº 3. Canberra: Pacific Linguistics, A-65: 143-160.
2. _____ 1984. Kristang (Malacca Creole Portuguese). Tese de Doutorado. Australian National University. 331 p.
3. BICKERTON, Derek 1980 /1974/. Creolization, Linguistic Universals, Natural Semantax and the Brain. In: DAY, Richard R., ed. Issues in English Creoles: Papers from the 1975 Hawaii Conference. Heidelberg: Gross. 1980. p.1-18.
4. _____ 1988. Creole Languages and the Bioprogram. In: NEWMYER, Frederick, ed. Linguistics: The Cambridge Survey. Cambridge, Gr. Brit.: The University Press. vol. 2. p. 268-284.
5. CHUNG, Sandra & TIMBERLAKE, Alan 1985. Tense, Aspect and Mood. In: SHOPEN, Timothy, ed. Language Typology and Syntactic Description: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge, Gr. Brit.: The University Press. vol. 3. p.202-258.

6. COMRIE, Bernard 1976. Aspect. Cambridge, Gr. Brit.: The University Press. 1978 (reprinted with corrections). 142 p.
7. _____ 1985. Tense. Cambridge, Gr. Brit.: The University Press. 1986. 139 p.
8. HANCOCK, Ian F. 1973. Malacca Creole Portuguese: A Brief Transformational Outline. *Te Reo*. 16:23-44.

O kristang é um antigo crioulo de base portuguesa. Nele, como em outros crioulos, as categorias modo-aspectuais são expressas através de partículas pré-verbais. Essas partículas podem ser vistas como pertencentes ora a uma categoria, ora a outra, ou classificadas diferentemente numa mesma categoria, em análises igualmente adequadas. Dados como estes acarretam: a) o fortalecimento de propostas para uma teoria unificada de TMA; b) a revisão de hipóteses que propõem a naturalidade maior de alguns itens gramaticais, que poderão ser interessantemente enriquecidas com o estudo de crioulos não muito recentes.